

**A INCLUSÃO SOCIAL DOS IMIGRANTES HAITIANOS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
UMA EXPERIÊNCIA EMPÍRICA DE ESTÁGIO**

Mayara Cristina Santos (UEL)

RESUMO: Apesar dos avanços no ensino de língua portuguesa e suas inovadoras aplicações didáticas em sala de aula, um assunto ainda pouco discutido nos debates que envolvem a educação, diz respeito ao intenso afluxo migratório no país. Diante disso, uma importante questão é levantada, como realizar o processo de inclusão desses alunos imigrantes na escola? Sabemos que, embora portadores de uma carga cultural bem diversificada, é importante sempre termos em vista de que eles são parte integrante do corpo discente. Buscando levantar algumas questões sobre esse tema, o presente artigo buscará detectar como o ensino de português vem tratando essa problemática, tomando por base para a reflexão, as perspectivas dos alunos, e o observações em sala de aula. Para isso, serão analisadas duas turmas do ensino médio em aulas da disciplina da língua portuguesa. Sendo assim, buscaremos informações por meio de entrevistas com professores e questões levantadas com os alunos. A experiência ocorreu durante um estágio supervisionado do Curso de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina.

PALAVRAS-CHAVES: imigração; inclusão; estágio.

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, é importante destacar que, de um modo geral, a educação para os imigrantes haitianos está estritamente relacionada com a condição ao qual ele se encontra no país, tal como, tempo de permanência, grau de escolaridade, e condições sociais e financeiras do imigrante. Portanto, para a elaboração desse artigo, foi realizado um recorte voltado para o ensino específico do português, enquanto disciplina básica nas escolas públicas, e não em matérias especiais, tal como o ensino do idioma para estrangeiros, nem para projetos de inclusão aquém da escola, embora não venhamos desconsiderar as contribuições e a importância desses estudos.

Dado isto, surgem importantes questões tais como, como a escola vem incorporando essas mudanças ocasionadas pelo fluxo migratório dos haitianos? Como ela vem abrigando esses jovens? E como os próprios alunos estabelecem a convivência com esses imigrantes tornando (ou não) o ambiente escolar receptivo para os mesmos?

Buscando respostas para tais questões, o presente trabalho procurou observar as dificuldades enfrentadas por alunos e professores do ensino público frente a essa realidade, por meio da análise realizada em uma experiência de estágio na escola pública Antônio Raminelli, localizada na cidade de Cambé, no Paraná.

Tomando por base o ensino nas aulas de português, por meio das perspectivas dos professores e as opiniões dos alunos do 1º e do 2º ano do ensino médio, buscaremos debater essas questões sobre as abordagens adotadas nas escolas, e identificar as dificuldades que o ensino desse idioma acarreta para os imigrantes.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada por este trabalho teve por base os ensinamentos direcionados dos PCN'S (Parâmetros curriculares nacionais) que representam um grande avanço na política linguística e a valorização da língua falada. Os PCN'S orientam e aprimoram o ensino não só da língua portuguesa como de outras matérias acadêmicas.

Para Castilho (1962): “trata-se de um texto extraordinário, que tem motivado uma série de iniciativas de aprimoramento do ensino.” E que, portanto, nos ajudará a compreender quais as metodologias inclusivas que devem ser abarcadas pela escola.

Também foi utilizado alguns conceitos de ética e cidadania, presentes no artigo: *Discursos de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si* de Maria José R F Coracini, um artigo presente no trabalho *Linguística aplicada suas faces e interfaces* de organização de Kleiman e Cavalcanti, produzido pelo instituto da linguagem da UNICAMP. O objetivo é apresentar os obstáculos que a população de imigrantes encontra após a chegada no Brasil, e a relação dessas pessoas com a língua materna e a “outra”, adquirida no novo país. Entendendo o posicionamento dos mesmos, diante a dificuldade de aprender a língua portuguesa. Lembrando sempre que, a relação com a língua, seja ela qual for, interfere diretamente na autonomia do indivíduo, sendo a língua um fator social, e no caso dos estrangeiros, pode ser um auxílio ou empecilho em seu processo de integração social.

Além disso, também coletamos dados de uma pesquisa de campo, feita na própria escola, buscando opiniões tanto dos próprios alunos imigrantes e das dificuldades que

encontram em sua inclusão social, quanto dos professores que agem como principais mediadores dessas relações sociais.

O IMIGRANTE E A INCLUSÃO SOCIAL

Sabemos que o fluxo de pessoas para diferentes regiões, municípios ou países deve-se a diversos fatores tais como, falta de trabalho, escolas, liberdade de expressão, perseguição religiosa, ou mesmo busca por ambientes mais favoráveis como clima, facilidade educacional, ou união familiar.

A ideia da inclusão se fundamenta numa filosofia que reconhece e aceita a diversidade, na vida em sociedade. Isto significa garantia do acesso de todos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo e/ou grupo social. Para que a igualdade seja real, entretanto, ela há de ser relativa (dar tratamento igual aos iguais e desigual aos desiguais). O que isto significa? As pessoas são diferentes, têm necessidades diversas e o cumprimento da lei exige que a elas sejam garantidas as condições apropriadas de atendimento às peculiaridades individuais, de forma que todos possam usufruir das oportunidades existentes.

Segundo os PCN de Língua portuguesa, um dos principais objetivos do ensino da língua implica que o aluno possa:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. (PCN: 07)

Sendo assim, antes do estudo do idioma em si, o ensino do português e consequentemente de outras disciplinas, devem ser voltados para a formação de alunos cidadãos que respeitam a diversidade cultural e social e saibam conviver com elas. Naturalmente, essa tarefa não cabe unicamente a escola, e sim, é um trabalho voltado para a comunidade em geral, partindo principalmente do âmbito familiar do aluno.

DADOS OBSERVADOS

Este trabalho fundamenta-se no relato e reflexão de experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado, o qual aconteceu no colégio Antônio Raminelli, no município de Cambé. Sendo divididas em três etapas, sendo: observação, participação e atuação, perfazendo 20 horas cada etapa, as quais foram desenvolvidas no primeiro semestre de 2019. Na etapa de observação, o aluno/estagiário conheceu a instituição, seu funcionamento, sendo esse o primeiro contato com a escola, é nessa etapa que se conhece os alunos, diretor e professores.

De acordo com Godoy e Soares (2014), a observação acontece em todo o processo do estágio, mas é fundamental que a mesma ocorra com maior ênfase na etapa de observação para que o estagiário esteja preparado para as próximas etapas, como a participação e principalmente a atuação.

A etapa de observação é a que se enfatiza neste trabalho, as duas turmas em que foram realizadas as experiências de estágio, possuíam duas alunas Haitianas nas aulas de língua portuguesa. A aluna A, estudante da turma do 1ºB, tem 15 anos e reside no Brasil há aproximadamente dois anos. Essa aluna, embora tenha apresentado dificuldades na disciplina de língua portuguesa, mostrou-se bem mais comunicativa e integrada no ambiente escolar, principalmente com os alunos e com o professor da turma.

Já aluna B, estudante da turma do 2ºA, tem 17 anos e reside no Brasil há aproximadamente três anos, essa aluna mostrou-se bem menos comunicativa com os demais alunos e integrada no ambiente escolar, também mantém dificuldades com a disciplina. Também é importante destacar que, embora com dificuldades na matéria, ambas entendem e pronunciam bem o idioma português.

A primeira atividade observada, realizada no 1ºB, foi a respeito de interpretação e produção de texto. A atividade avaliativa, consistia em produzir um texto dissertativo por base de outro texto expositivo sobre a educação no Brasil. Os alunos teriam que analisar os dados dispostos no texto e produzir, a partir de sua própria observação, se o sucesso vinha do esforço próprio ou a escola era responsável por isso.

A aluna número A, mostrou dificuldade na resolução da atividade, embora tenha conseguido lê-lo, não conseguiu interpretá-lo e foi necessário auxílio para explicar o que dizia o texto de apoio. Na produção de texto, a aluna apresentou conflito, produzindo pouco e com

uma escrita mais voltada a própria oralidade do que para a escrita da língua portuguesa padrão. O prazo de aula, disposto para a realização da atividade não foi suficiente para ela, tendo que prorrogar por mais duas aulas, para a entrega final da atividade.

O professor da aluna relatou que ela demonstra dificuldade em prosseguir com os estudos e que não a avalia pelos critérios que usa com os demais, justamente por saber que na sua “condição” sofre em desvantagem. “Ela já repetiu alguns anos e então decidimos deixá-la passar”. Relata o professor.

Na segunda atividade, realizada no 2ºA, dizia a respeito à criação de uma propaganda realizada pelos alunos, contra a distribuição de respostas pelos colegas no período de prova. A atividade extraclasse foi desenvolvida em grupos e ocorreu na biblioteca para que os alunos tivessem mais espaço e material de pesquisa. A aluna número B não participou da atividade, por não ter sido incluída em nenhum grupo. O professor regente tentou incluí-la pedindo que os alunos a colocassem no grupo, mas a mesma optou por não participar da atividade. Nas outras aulas a mesma aluna não mostrou interesse na matéria e teve diversas faltas no período observado.

Em ambos os casos, foi presenciado uma aversão das alunas pela disciplina, em maior ou menor escala. Embora usuárias do idioma, quando se refere a prática da escrita e leitura, ainda apresentam grande dificuldade, não atingindo o resultado satisfatório e condizente com os demais alunos.

Estabelecendo relações entre as atividades observadas ao estudo de Coracini (2007) sobre o discurso de imigrantes, percebeu-se que a primeira aluna apontou um comportamento mais aberto, ao tentar assumir a língua-cultura do outro, enquanto a segunda, não mostrou interesse pela matéria. Em algumas conversas com as alunas, foi observado que é incomum nas aulas, que a mesmas tragam algo de sua própria cultura como contribuição válida aos métodos de ensino aplicados, e que tão pouco elas os procuram expor.

Quando se trata da percepção e relação das línguas pelos imigrantes Coracini (2007) irá afirmar que existem dois tipos de lutos: aquele que desejaria enterrar o morto (a língua materna) para poder, enfim liberado, assumir a língua do outro. E o luto daqueles que, tristes, se vêem na contingência de entregar o seu morto, mas que durante o trabalho de luto faz de tudo para o manter vivo. Embora, em ambos os casos, ocorra a inevitável situação de que

mesmo com relutância, a língua materna acaba não retornando e a cultura brasileira é integrada a ela, tornando-as miscigenadas e homogêneas, e que isso não deve ser visto como algo ruim, mas como a abertura de novas oportunidades de aprendizado.

CONCLUSÃO

Foi identificado que, embora a situação dos imigrantes, de um modo geral, seja atualmente muito comentada, ainda há poucas políticas públicas e processos de inclusão dos mesmos na sociedade.

No que se refere a escola, é muito nítido que, embora já exista alguns projetos, ainda há um grande caminho a ser percorrido no processo de inclusão e isso não só no que se refere aos imigrantes. Por tanto, é necessário continuar promovendo essas discussões expandindo-as para fora do ambiente da escola.

Sabemos que o professor, seja ele de língua portuguesa ou de outras matérias, ainda enfrenta uma grande dificuldade de ensino, problema que não é só da escola, mas de toda a comunidade.

Sendo assim, pensar em um ensino homogêneo, sem levar em conta a necessidade individual de cada aluno, seja ele imigrante ou não, afeta a própria dinâmica em sala de aula e é prejudicial ao ensino de qualquer material.

O espaço pedagógico é um movimento estruturante para a formação do indivíduo na atualidade. A escola deve ser capaz de auxiliar o cidadão a ser um produtor de conhecimento, e cultura, e não simplesmente consumir as informações.

Posto isto, podemos compreender que a escola da atualidade tem sua gama de responsabilidades aumentadas, pois não tem somente que transmitir esse conhecimento como também orientar o aluno a ampliar o conhecimento já adquirido e posicionar-se frente as informações novas.

REFERÊNCIAS:

BRASIL (1998) **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF.

CASTILHO, Ataliba T. de. 1962. **A língua portuguesa no Brasil**. Revista ALFA I

CORACINI, Maria José. Discursos de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si. *In* KLEIMAN, Angela B. e CAVALCANTI, Marilda C. **Linguística Aplicada suas faces e interfaces**. Mercados das letras: São Paulo, 2007.

GODOY, Miriam Adalgisa Bedim; SOARES, Solange Toldo. Estágio e sua relação com a pesquisa. *In*: _____. **Estágio Supervisionado no curso de Pedagogia**: Unicentro Paraná. 2014.